Acervo ISA

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Correio do Estado **Class.:** 51

Data: 27.04.82 **Pg.:** 12

Em Morraria, ficaram apenas alguns policiais militares do MS

Desarmamento dos Kadiwéus é pedido

A Polícia Militar de Mato Grosso do Sul retirou os seus homens que se encontravam na região de Bodoquena onde os índios da aldeia Kadiwéu estão atacando posseiros, saqueado e incendiando os seus ranchos. A situação continua tensa na região principalmente depois que saiu também a polícia civil. Hoje, a Fetagri deverá divulgar uma nota oficial solicitando a demarcação definitiva da área, respeitando o direito dos colonos; o desarmamento dos índios; e, responsabilizando a Diretoria Regional da Funai sobre o agravamento da situação na região de Morraria e Bodoquena.

Página 5

Acervo ISA

CEDI

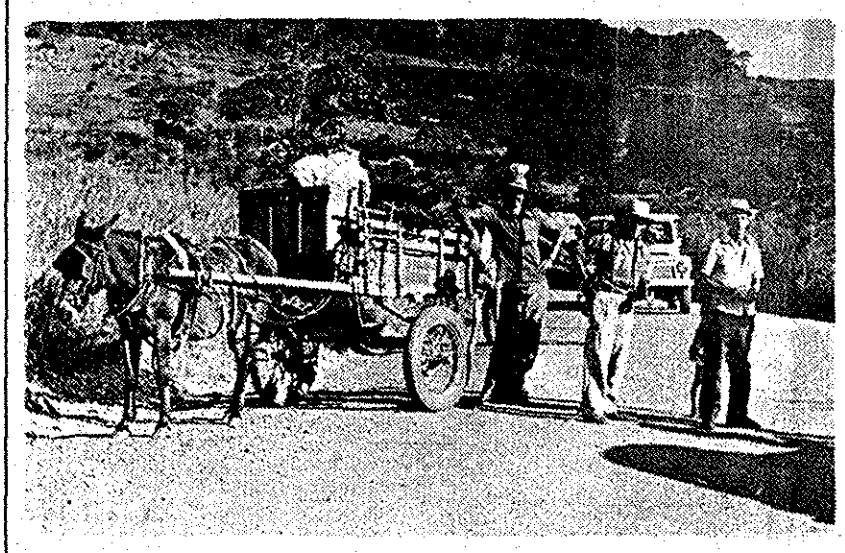
Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Correio do Estado **Class.:** 51 (cont)

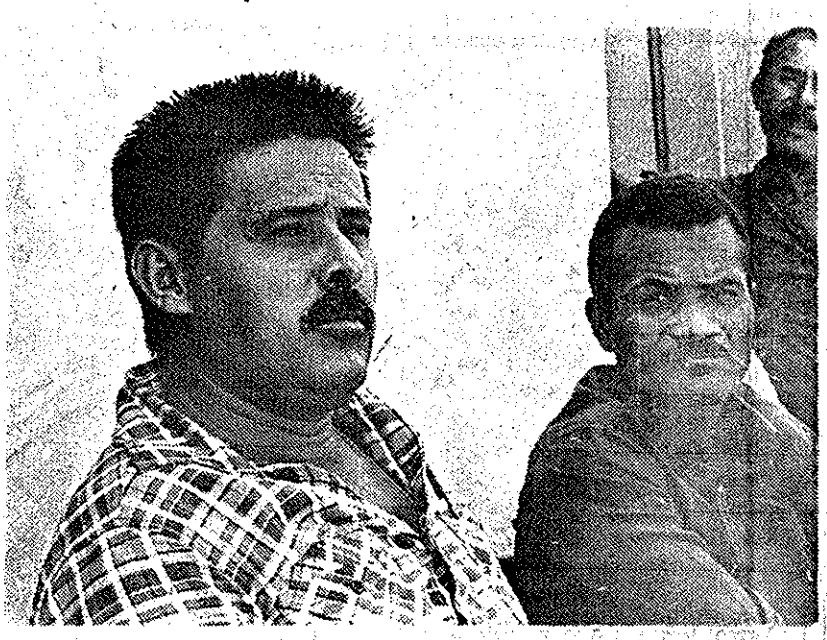
Data: 27.04.82 **Pg.:**

Situação fica mais tensa em Bodoquena com a saída da PM

1980



Colonos que estão saindo da área em conflito



Elpídio de Carvalho protestou contra demarcação

A demarcação foi muito reclamada

Os problemas na Serra da Bodoquena, entre índios e brancos são antigos e esta não foi a primeira vez que os indígenas atacam propriedades dos brancos, pois anteriormente já haviam atacado a fazenda Xatelodo. Quem afirma é o ex-prefeito do Município de Bodoquena, Elpídio José Roque de Carvalho, que quando assumiu a Prefeitura, em 81, enviou correspondência ao delegado regional da Fundação Nacional do Índio, coronel Amaro Barbeitas Ferreira, protestando por uma demarcação procedida por técnicos daquela fundação.

Nesse documento, encaminhado em julho também para várias autoridades do Exército e parlamentares, Elpídio disse que "a tal demarcação se destinava a extremar o chamado Campo dos Índios, cedido em usufruto à tribo kadiwéus pelo governo do Estado de Mato Grosso com uma área de 373.000 hectares, hoje arrendada a diversos particulares não aborígenes, com menos de 10 por cento dela efetivamente ocupada pelos índios, e que se localiza, de acordo com a lei que a cedeu em usufruto, no Município de Porto Murtinho".

Mais adiante salienta que foi informado de que "a demarcação era procedida seguindo os ditames do Decreto 76.999/76 mas, segundo apurei, nenhum dos requisitos estabelecidos pelo referido decreto federal fora obedecido". O pior, salientou, que "de acordo com os trabalhos já procedidos e com as linhas já levantadas, os técnicos desta Fundação estão colocando parte daquele Campo dos Índios dentro do meu Município, ou, mais grave ainda, estão subtraindo parte de nosso território para incorporá-lo ao de Porto Murtinho, onde a gleba cedida em usufruto deve se situar".

Lembra que "a Divisão Política e Administrativa do Estado foi fixada pelo Decreto Estadual n.º 583 e, em seus termos precisos, ficou estabelecido que o Município de Miranda se limitava com o de Porto Murtinho pelo aparado da Serra de Bodoquena. Se o nosso Município, o de Bodoquena, foi desmembrado do de Miranda, é claro que seu limite com o de Porto Murtinho continua e continuará sendo o aparado da Serra de Bodoquena".

Elpídio disse nessa correspondência enviada a 15 de julho de 81, que se "vingar os limites que estão sendo fixados para a gleba cedida em usufruto aos kadiwéus, a superfície delimitada superará em muito, mais de 60 por cento, a area realmente cedida, que de 373.000 hectares passará a mais de 590.000 hectares, além de, ilegal e abusivamente, nos privar de território legitimamente pertencente ao Município de Bodoquena".

Ele disse que é ponto pacífico e aceito há dezenas de anos que o limite entre o Campo dos Índios e o Município de Bodoquena e o aparado da Serra do mesmo nome. "E, tanto assim é que, a medição elaborada pelo militar José Barros Maciel, em 1.900, aprovada pelo Ato Governamental de 07.08.1903 não fez o levantamento da referida serra, aceitando o seu aparado como confinação natural, fazendo um simples encaminhamento".

Lembrou que Paulo Maciel Buker, quando no exercício do cargo de procurador da Funai teve oportunidade de, conhecedor profundo da região e da documentação que estabelecia o direito de usufruto indígena, frisar que o limite do Campo dos Índios era o aparado da Serra de Bodoquena e que os índios kadiwéus não deveriam subi-la e invadir a fazenda denominada Xatelodo.

O ex-prefeito frisa que "adotando critérios que ninguém conseguiu, ainda, entender, tal demarcação subiu pelo paredão daquele acidente demográfico, invadindo território diverso do de sua localização, avançando por dentro de propriedades particulares, sem respeitar os títulos de domínio. Lembrou ainda que "não é preciso dons mediúnicos para antever as consequências que decorrerão desta demarcação, que não obedece a limites naturais e legais, tal o clima existente na região".

A qualidade das terras da Serra da Bodoquena levou para lá, há muitos anos, milhares de famílias, as quais, com trabalho incansável e fecundo, fizeram daquela região uma das mais produtivas e ricas áreas agrícolas do Oeste do Mato Grosso do Sul. Hoje é ela a maior fonte de riqueza do Município de Bodoquena, além do vigoroso mercado de trabalho que representa. Na região são mantidas escolas, tem se construído e conservado estradas e arrecadado tributos.

Finalizando, Elpídio disse em sua carta que "a única forma de evitar a ocorrência das ilegalidades apontadas, de trazer a paz e a tranquilidade àquela região, é fazer com que a demarcação referendada obedeça aos limites naturais deste Município e respeite o aparado da Serra de Bodoquena como confinação do Campo dos Índios Kadiwéus".

O comando da Polícia Militar do Mato Grosso do Sul determinou o afastamento da equipe da PM que se encontrava na região de Bodoquena, onde os índios estão revoltados e atacando as propriedades dos posseiros que habitam na área de Morraria. A informação foi prestada ontem à tarde pelo coronel do Exército, José Maria de Paula Pardo, comandante da PM-MS, depois que a Polícia Federal solicitou a retirada dos policiais que estavam desde a semana passada na região..

Juntamente com os policiais militares, também os policiais civis de Aquidauana e Miranda, sob o comando dos delegados Rui Castro Marcondes Filho e Possidônio Leite, retornaram para as suas cidades, ficando a área praticamente desguarnecida, contando somente com o apoio do Destacamento de Polícia Militar do Município de Bodoquena. Segundo informações extra-oficiais, a Polícia Federal enviou para a região uma equipe, mas ontem em Campo Grande, fontes da Superintendência fizeram segredo sobre o assunto.

Na semana passada a Polícia Federal informou que havia mandado para a região uma equipe do DOPS – Departamento de Ordem Política e Social – mas em Morraria compareceram dois agentes, que segundo posseiros e policiais civis e militares, não passavam de dois jovens inexperientes, recém saídos da Academia e que retornaram a Campo Grande na sexta-feira à noite, trazendo um relatório para o superintendente Geraldo Mendes Xavier, relatando a situação.

A situação continua tensa na região e os colonos estão apavorados, principalmente com a saída dos policiais, que davam tranquilidade. Pardo salientou que o pedido retirou os oficiais PMs Nilton Ferreira, de Campo Grande e Carlos Henrique da Silva, de Aquidauana, que se encontravam desde a semana passada na região. O coronel comandante da PM informou que enviou os seus homens para Bodoquena depois que o Superintendente da Polícia Federal pediu um reforço e quando os militares partiram receberam orientações para evitar a violência e manter a calma, pois aquela área é de competência da esfera federal.

POSSEIROS

João Telmo de Oliveira, Erminio Fortunato Pereira e José Nunes, posseiros da região de Bodoquena chegaram ontem a Campo Grande para denunciarem oficialmente os saques e agressões que estão sendo cometidos naquela área por mais de 50 índios kadiwéus armados de revólver, espingardas e outras armas, espalhando terror e pânico em milhares de pessoas que trabalham a terra e que estão fugindo somente com a roupa do corpo, pois os seus ranchos são saqueados e queimados.

Os posseiros chegaram ontem à noite e foram recebidos pelo presidente da Federação dos Trabalhadores na Agricultura de Mato Grosso do Sul – FETAGRI – Pedro Ramalho, que no final de semana esteve na região onde os índios estavam expulsando os colonos com suas famílias. João, Erminio e José depois de conversarem com Ramalho, foram procurar as residências de parentes que moram nesta Capital.

BARBEITAS NÃO VOLTOU

O coronel Amaro Barbeitas Ferreira, delegado da 9.ª Diretoria Regional da Fundação Nacional do Índio, em Campo Grande, até ontem à tarde não havia retornado de Bodoquena a esta Capital e se chegou, não compareceu na DR. Um funcionário, que preferiu não se identificar, disse que é mais provável que Barbeitas compareça somente hoje na Delegacia, pois se encontra na região de conflito desde o último sábado à tarde, quando a situação se agravou, diante de novos ataques.